



O TORPEDO AEREO — (Torpedo munido de azas e lançado por um câmbio especial)

2.ª série — N.º 499

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre.....	1\$20
Semestre.....	2\$40
Ano.....	4\$80

Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,
Rue des Capucines, 8

Lisboa, 13 de Setembro de 1911

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAV

Redacção, administração, oficinas de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43



REMINGTON-UMC

Armas e Cartuchos Remington-UMC

“Os cartuchos UMC trazem-me grãss lembranças da minha mocidade. Os fígulos “U” como nos os chamamos aqui por estas regiões, fóram os favoritos do meu pai e tem sido a parte inseparável da vida de meus filhos. Compañhetos fezo em todas as nossas caçadas, e tem contribuído generosamente para o sustento da minha família. Conheço-se ha cinquenta annos e já se adaptam a todas as marcas e calibres de armas de fogo.

Fabricados pela Companhia construtora das armas afamadas por todo o mundo ha mais de um século, e agora representada pelos novos rulos e espingardas REMINGTON. As armas e cartuchos REMINGTON-UMC formam uma combinação ideal para tiro ao alvo, panceiro pelo campo, ou caçadas pelos bosques. Tem sido os factores indispensáveis, na minha familia, porquê desde a minha infancia tem estes facilitado a *Faz-Novo de Cada Dia.*

As armas e cartuchos REMINGTON-UMC encontram-se já vendida nas casas principaes em todas as partes.

Enviamos gratis, circulars descriptivas, catalogos e cartazes a côtes a quem os solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co.
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo,
Caixa Postal 153, Rio de Janeiro

No Território do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A,
Manaus



Gizzella
O MELHOR SABONETE

TELEPH. N.º 2638

PERFUMARIA ROSA D'OURO

COLOSAL SORTIMENTO

Rua do Ouro, 281 JOAQUIM N. ALVES

LISBOA

BREVEMENTE

Almanaque d'O SEculo

ILUSTRADO

PARA 1916

LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excessões e uma d'elas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habili velho, William Rice. Depois de ter soffrido durante bastantes annos de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu se dedicar toda a sua energia em tratar de obter uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação velu por casualidade deparar com o que precieamente p'curava e não só p'oude curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as cassetes de her-



Cure V. S.ª a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

estas com o maior successo. O resultado, pois, foram todas absolutamente curadas. Talvez que V. S.ª já tenha ouvido dos Jornaes de algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.ª já tenha já lido, eu não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o descobridor d'esta cura oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como elle e centenas de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura é eterna: sem dor e sem o menor inconveniente. As occupações ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornarão necessarias, o risco de uma operação cirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão saõ como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este Journal, que sofram de he-nias, he sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta, sem equal, que se temem sem despejar alguma e confias-se que todos que d'ela necessitem se aproveitarão d'esta generosa offerta. E' sufficiente encher o coupon inc-luído e enviar-o pelo correio á direcção indicada.

COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (S. 954), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

Nome _____

Endereço _____

FORMAS-DESTRUIÇÃO COMPLETA DAS FORMAS



NETTO, NALIVIDADE & C.ª

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS, assim como de: Laboratorio Productos esterilizados Santsita, Laboratorio de Granulados e Esterilizados Estan-lado & Filhos, Sabonete Alcatraz composto Dr. Camara Pestana, Xarope Heroclo contra a cegueira convulsiva Espinheiro Alvar.

M OZAIÇOS — AZULEJOS — CAL HYDRAULICA

CIMENTO AGUIA ROCHEDO

GOARMON & C.ª

Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 2

TELEPHONE 1244 LISBOA

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações	300.000\$000
Reservações	323.940\$000
Fundos de reserva e amortização	505.400\$000
Total	1.129.340\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria, Vila e Sobrelinho (Tonar), Penedo e Casal d'Herminio (Lousã), Vale-Maior (Alberjaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes Jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escriitorias e depositos: 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—19, RUA DE PASSOS MANOEL, 31, PORTO.—End. tele. em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: LISBOA, 635—PORTO, 117.

P. PARTICULAR

INSTITUTO especial para informações de pessoas, investigações ou vigilância de pessoas. RUA DO RIZZODON (ao lado da 9.ª, ric.—LISBOA.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 499

13-9-1915

Porque não vae para a guerra?

As mulheres de Londres, favorecendo a intensa propaganda que ácerca do recrutamento se tem feito na Grã-Bretanha, espalham-se pelas ruas da grande metropole, pelos «squares», pelos parques, por todos os logares onde os ociosos passeiam a sua indolencia, e, á quicima loupá, disparam a pergunta indiscreta:— «Porque não vae para a guerra?»— Esta interrogação, que estimula as coragens indecisas, tem, por vezes, aspetos sombrios. Ha dias, defronte do Hyd-Park, uma dama, ao vêr recostado na relva, já dourada de setembro, um homem embrulhado n'um vasto capote de cavalaria, aproxima-se d'ele, dirige-lhe a pergunta habitual. O homem en-



treabre o capote, deixa vêr fugitivamente uma medalha militar, mostra dois braços sem mãos e responde com doçura:— «Porque não posso».

Pancadaria

Um terço de Lisboa que vae, aos domingos, arejar pelos arredores, acorda, na segunda-feira, de cabeça entrapada ou de membros fatigados, n'um calabouço do governo civil. As colunas dos jornaes são um encadeado pitoresco de desordens, de motins a que preside Bacho, impassível, engrinaldado de rosas. E', sobretudo, na carreira de



Cacilhas que os furores germinam, desabrocham, para rebentarem tumultuosos n'aquello larguinho do Caes do Sodrê, deante da fronte solene do duque da Terceira. O portuguez suave, socegado, amigo do gracejo mas ainda mais amigo da sua tranquillidade, — desapareceu. Em determinados dias da semana, é uma fera barbuda, hispida, intratavel. Por um sim ou por um não, levanta o cacete, oferece galhardamente dois murros, fala em beber litros de sangue. «Quantum mutatis ab illo!»

Do Bivaque

E' do bivaque que lhes escrevo, meus amigos,

um ermo pavoroso onde não desejo ver-vos e onde ainda menos desejo que me vejam. Defronte dos olhos, um largo horizonte de alturas; nos soccalcos asperos do terreno, longas filas de barracas de campanha, dispostas de uma forma tecnica — de que tambem vos não falarei. Os montes, coroados de moinhos, por onde sobem, n'uma escalada barbara densas hostes de pinheiros, tem, agora, neste pôr de sol esplendido, uma apparencia cariciosa e ave-ludada. Em roda, um socego de bucolica. Não repouso, como Turenne, no reparo de um canhão, mas durmo, como Antonio ou José, n'uma pedra, — d'estas pedras de basalto azul tão nossas conhecidas, e tão duras, que se diria que toda a dureza do mundo ali se foi concentrar. E ao olhar a linha ondulosa das serras, com que rancor considero as colinas, tão amaveis vistas ao longe, — tão rudes trihadas a passo de carga!



Na Praia

De Caminha á Figueira da Foz a temporada nas praias «bat son plein». Lisboa emigra, retempera-se ao longo da costa com as emanações salinas do Atlantico. Emquanto, mais ao Norte, nas aguas cinzentas da Mancha, os homens se batem e morrem, — nas calhetas placidas do nosso litoral, outros



homens despem-se e banham-se. Em redor de um grande guarda-sol, no declive ligeiro da praia, os grupos juntam-se, conversam, fazem a sua «potinage» habitual. E assim corre facil e sereno este ditoso mez de setembro, quando começam a aparecer os primeiros tons dourados no arvoredo, e quando no Oceano a vaga, impaciente, galga um pouco mais, até aos pés finamente calçados das lisboetas.

MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



A alma italiana cantava, desde a barreira austriaca ao berço siciliano, a epopéa sagrada dos grandes heroísmos. O genio garibaldino modelava, na incude patriótica, a espada reivindicadora das *terras irridentas*, a faiscar vitórias no delírio épico, sangrentamente sublimemente.

Mario, o poeta querido da multidão romana, arrancára, a golpes de talento, do oiro vibrátil e sonoro da fibra sentimental, a estrofe bela do momento, onde se enlaçavam, em volútuas d'uma gloria eterna, o éco antigo do prestigio hereditario e a prece unanime do voto nacional. E o povo de Roma fazia tremar de entusiasmo as sete colinas, na vibração heroica do hino profético de Mario, que pairava como uma cupula de bronze, resoando ao sopro coletivo, a saudar o sol do cimo do Capitolio e a morrer á noite nos braços susurrantes do Tibre, ao clarão baço das primeiras estrelas.

O grito de guerra proclamado não pôz um arpepio de medo n'alguma espinha corabde, nem sequer amargou a boca do criminoso egoísmo. Era o fruto maduro da arvore da esperança que ameaçava tombar apodrecido, e para o que se estenderam milhares de mãos, onde o aço lampejava, em relampagos de odio secular, que a mascara diplomatica escondera nos sorrisos da hipocrisia.

O capitão Hugo de Montereale recebera, no quartel general, a ordem de partir no primeiro trôço expedicionario. Seguiria para a fronteira, na manhã proxima. A noticia trouxe-lhe a satisfação do desejo nacional. Coração de heroe, o sangue que lhe aquecia a vida arrastava, no iubro tumultuar de torrente ousada, a valentia e a nobreza antiga a ensinarem lições da historia em feitos de perpetuo e glorioso valor. Apenas o véu triste do abandono da esposa e do filho desceu, por um momento, sobre a alma do soldado, como o manto crepuscular velando a face do sol na hora sagrada da agonía; mas a vontade ancestral da raça enérgica dissipou-o breve, ao clangôr do preção bemdito do grande sonho da libertação.

Dirigiu-se a casa, para anunciar a partida. Na velha sala gótica, conversavam Helena de Montereale e o poeta Mario, primo de Hugo. O pequeno Silvio, sentado nos joelhos do poeta, cantarolava a oração nacional, que a voz do povo lhe vincara na memoria fertil de cerebro infantil. O sol, rompendo os vidros das gran-

des janelas, punha gargalhadas de côr metálica nas ogivas e colonatas vestidas e sombrias, reflexos irreverentes como risadas de crianças n'uma grave assembléa d'austeros anciãos.

Ao vêr entrar o marido, Helena teve um movimento ligeiro de perturbação, rapidamente dominado. E enquanto ele apertava n'uma convulsão a cabecita de Silvio, beijando-lhe os caracões loiros que brincavam na testa patricia, perguntou-lhe nervosamente: que ha?

— A hora esperada, respondeu Hugo n'um tom de firmeza viril, «2 voltando-se para o primo, estendia-lhe fraternalmente a mão, acrescentando». «A honra da Italia que tu cantaste n'esses versos sublimes, nós a saberemos levar, n'uma epopéa libertadora, ao solo escravizado das terras Irmãs».

— A honra da Italia, tunica vestal tecida dos sonhos brancos das virgens misticas, elevada e subtil como o perfume dos lírios florentinos, é o manto incombustivel que cobre e preserva da rajada egoistica, o fogo sagrado do pensamento patriótico, afirmou Mario, n'um arroubamento, os olhos fitando longamente a poeira dourada que atravessava os vitraes antigos. «E', meu querido Hugo, como digo no hino profético, *uma chama sangrenta guardada religiosamente na anfora de cristal*».

— Sim, disse o capitão, e maldito seja aquele que deixar cahir a mais leve mancha no vaso precioso.

Nunca um italiano... apenas, um traidor, replicou o poeta, n'um tom vibrante como um clarim.

Helena fixava o olhar, ainda turvado da onda lubrica, no rosto severo de Mario, a sua boca ermelha como uma romã que sangra, descerrava-se n'um sorriso de misterio, desenhando gracioso d'um sentimento nobre ou esboço diabolico d'uma tremenda perversidade. Dirigiu-se, n'uma inquietação artificial, ao marido, inquirindo quando partia. Hugo transmitiu-lhe a ordem do quartel general. Helena correu a ocultar n'um abraço, que era uma perfidia, uma falsa amargura, simulada habilidosamente. O pequeno Silvio, agarrado ás pernas do pae, chorava e pedia, em gritos, que o levasse para a guerra. Mario, julgando-se uma personagem intrusa n'aquello drama intimo, despediu-se.

— Até ámanhã... á hora da partida, exclamou da porta, voltando-se, para melhor admirar Helena, que soluçava com um talento de insigne comediante.

Na manhã seguinte a cidade era uma apoteose. Cruzavam as ruas os regimentos em mar-

cha. Na estação, á partida do comboio militar, o côro nacional: *O Canto da Vitoria*, germinado na alma patriótica de Mario, dominava os soluços sentimentaes e as proprias vozes dos clarins. O comboio silvou e, como uma formidavel serpente de escamas d'aço, começou a arrastar-se na via brilhante.

E a multidão, monstro de milhares de cabeças, tinha nos o'hos relampejantes a magua humida dos grandes momentos da vida e na boca a labareda entusiastica que queima como

Helena e Silvio, o caminho do velho palacio dos condes de Montereale.

— Meu querido poeta, deves estar orgulhoso; parece que és tu o vencedor da campanha, disse-lhe Helena, firmando molemente o braço excitado e tremente, a emergir de uma taça de rendas, como um jacto de leite rosado, sulcado por linhas de um azul escurecido.

— Humilhado, Helena... humilhado, respondeu-lhe Mario.

— Como?!... se o teu hino é a profecia do triunfo!



as febres do delirio. Alguem lhe apontou o poeta, conversando com Helena, e a apoteose virou se como uma rajada oscilante, a erguer o artista, cinzelador supremo da honra italiana no bronze heroico dos versos geniaes. Mais sentiu atravessar-lhe o peito o halito quente d'aquela multidão que o glorificava, e compreendeu que toda a grandeza da sua obra era, apenas, o reflexo brilhante do clarão eterno a viver na alma da raça. Conseguiu, a custo, forçar a barreira viva dos aplausos, e tomou, com

— O triunfo não está na visão sublime, que, apenas, esbocei... está aqui em todos nós, e colocou a mão no peito, sentindo sob elle a vida agitar-se no turbilhão sanguineo, ao ritmo acelerado das agitadoras emoções. Um instante de silencio fel-os olhar os dois caminhos intimos, profundamente dissemelhantes. O de Mario era uma via clara, doirada de um sol de apoteose, bela e rescendente como uma alameda de loureiros que desprendessem as suas folhas, n'uma homenagem antiga de gloria outonal.

Helena sentia-se desvariada n'um atalho tortuoso, estranho, desenhado n'um traço igneo, onde todo o seu ser ardia n'uma túnica de labaredas, que se enroscava como serpentes de tentação, sequiosas do humus fresco das lagrimas do orvalho. Nuvens de uma cinza, onde chispavam centelhas rubras envolviam-n'a n'uma atmosfera ardente que lhe enrubiava a visão, queimava a boca e asfixiava a própria vida. Helena hesitou um momento em cortar o sonho do poeta. Via-o absorto n'aquela alheiação ideal, de olhar firme e elevado, no qual se refletiam, em imagens espirituais, a alma colorida das bandeiras, o canto heroico dos clarins e a missão cintilante das armas libertadoras. Mas a chama em que ela toda se consumia subiu aos lábios e tornou-se som:—Mario! e os olhos de Helena pareciam implorar-lhe que descesse os seus até eles. O poeta, ao ouvir aquela palavra, lembrou-se do braço tremulo, branco e perfumado que, lentamente, n'um torpor languido, estreitava o seu como uma carícia de ternura. O sonho sublime turvou-se, e o seu olhar perdia-se agora no mar de voluptua que inundava a vista de Helena.

Fixou-se demoradamente, n'um silencio eloquente, em que apenas o olhar falava poemas de desejo. Momentos depois, subiam a escadaria ampla, em marmore florentino, do velho palácio dos Montereale. A ascensão fizeram-n'a devagar, demorando-se em cada degrau, como quem sobe uma escada de prazer. E não por fadiga, mas arfando sobre a torrente impetuosa, o colo alvo de Helena acelerava-se no ritmo ofegante. Pararam no cimo e Mario ia fazer soar a campainha, mas Helena tomou-lhe nervosamente o gesto.

— Espera... ainda não, e enquanto a sua mão de veludo quente acariciava, a tremer, o dorso da mão de Mario, deslizando docemente até os dedos se cruzarem n'um consorcio de sensualidade, o outro braço enroscava-se como um colar perfumado e mole, em volta do pescoço do poeta.

— Mario, como te amo tanto! — disse Helena, e a sua boca era uma rosa de estio, incandescente em sede de frescura, parecendo pedir aos lábios húmidos do amante o orvalho divino do amor.

Ele sentiu pelas veias o sangue a desvairar no delirio do instinto, e, brutalmente, amarrando as rendas caras do vestido, apertou-a de encontro ao peito. E aquelas duas bocas falaram, n'um instante que foi toda uma existência, a linguagem eterna e muda das paixões soberanas da natureza.

De subito, como acordada por uma voz intima de remorso, Helena repeliu Mario, e enquanto com a mão esquerda agitava o cordão dourado da campainha, estendia a outra ao poeta, dizendo-lhe n'um tom, que um sentimento de virtude, em revolta de pudor, tornam claro e decisivo:

— Não... tenho ainda nos lábios os beijos honestos de meu marido. E desaparecia rapidamente, como uma sombra, pela porta entreaberta.

O cerebro de Mario iluminou-se áquele relampago da revelação, e o poeta desceu apressadamente a velha escadaria florentina, afastando-se do crime tecido na alma delirante de um beijo impuro.

Decorreu um mez depois da partida de Hugo. Mario não tornára a visitar Helena; esta estranha ausencia do poeta não a sabia explicar a razão d'aquêle cerebro escurecido pelo desespero, e apenas iluminado pelos claros fúteis d'uma frivolidade caprichosa. Esperava-o todas

as tardes, e a ancidade crescente requintava os atrativos de sedução deslumbradora. A campainha retiniu no ar pesado e morno do gabinete, e a Helena parecia que a vibração lhe atingia o coração, como um presentimento de felicidade. Ergueu-se d'um salto, e tirando d'um solitario um belo crismatemo vermelho colocou-o provocantemente entre as rendas que lhe velavam o colo. O poeta entrou. Helena correu pa' a ele e enleou-lhe o busto nos braços cõr de rosa.

— Porque não tens vindo, Mario? — disse-lhe n'uma meiga censura, e a voz tinha fremitos da tempestade passional a dissipar-se em relampagos de desejos.

Mario tentou uma explicação. O remorso de um ato que a sua consciencia poderia reputar um crime. Helena cortou-lhe as considerações com um beijo envenenado de sangue vicioso. Afirmou-lhe que não amava Hugo, que nunca o amára mesmo.

— Toda a minha vida se resume em ti... Tenho fingido a toda a hora, a todos os instantes um amor que é uma perdida mentira... só tu és para mim a unica verdade... o meu amor. E a paixão transfigurava-a. A pupila do olhar tentador engrandecia, como querendo absorver a imagem que a penetrava. Os lábios cõr de cereja húmida agitavam-se no tremor fibril da excitação instintiva. As narinas afiladas dilatavam-se n'uma respiração difficil, e todo o corpo vibrava na corrente voluptuosa, como uma folha fragil n'uma catadupa torrencial. O grito metálico da campainha sobresaltou-os. Helena saiu com precipitação. Correram momentos, durante os quaes a consciencia do artista agonisava n'uma tortura infernal, sob o peso acabrunhante da tragedia intima.

Sentia o proprio caracter entorpecer, ao halito criminoso d'aquella paixão desonesta. Helena voltou, trazendo na mão um telegrama.

— Noticias de Hugo? — perguntou com alegria o poeta.

— Sim, as primeiras... Lê, — e entregou-lhe, com um gesto de enfado, o telegrama.

«A senhora condessa de Montereale — Capitão Hugo de Montereale ferido gravemente na tomada do Monte Nero. A nossa vitoria ganhou-a o seu valor, simbolo heroico da honra nacional. — (a) Comandante em chefe, Velini.»

Mario olhou para Helena. Os olhos cintilavam n'uma luz perversa, e os lábios descerravam-se com um sorriso de maldade.

— Tanto melhor, meu querido poeta... Hugo não voltará tão cedo, e correu a cercar-lhe o pescoço com um circulo de carne palpitante. Nasceu no intimo de Mario um sentimento de repugnancia por aquele egoismo histerico, e desligando brandamente a prisão perturbadora que o cingia, disse-lhe, n'um tom firme:

— Helena... Só um traidor pode manchar, n'este momento, a honra italiana. Curvando-se, beijou-lhe a mão tremula, a escaldar de paixão. Helena viu-o afastar-se lentamente, fazendo-lhe apenas, da porta, um cumprimento de cortesia. Sentiu a garra do desespero amarfanhar-lhe a garganta, e a raiva condensar-se-lhe em gotas amargas que lhe toldavam a visão, caindo, como chuva de estio, sobre a face escandecida, e transformar-se n'uma efemera neblina. Arrancou da franja rendilhada do colo a flôr vermelha, e esmigalhou-lhe as petalas entre os dedos nervosos, salpicando o tapete verde da sala d'aquelles pequenos desejos rubros, a morrerem como lampejos crepusculares d'um fogo ainda na extinto.

VITOR MENDES.

As operações militares no Sul d'Angola



1. Metralhadoras. A 16.ª companhia de landins na face direita.
2. Uma vista de Cunene.

Não descansam os nossos soldados em Africa na pacificação do gentio revoltado contra a nossa soberania por influencia dos alemães. A tarefa é muito ardua pela falta absoluta de comodidades para as tropas; mas officaes e soldados esquecem as inclemencias que sofrem, tendo como unico alvo levantarem o nome e o prestigio da Patria, que os inimigos da civilisação tentaram abalar. E n'um esforço enorme que muito os nobilita, vão conse-



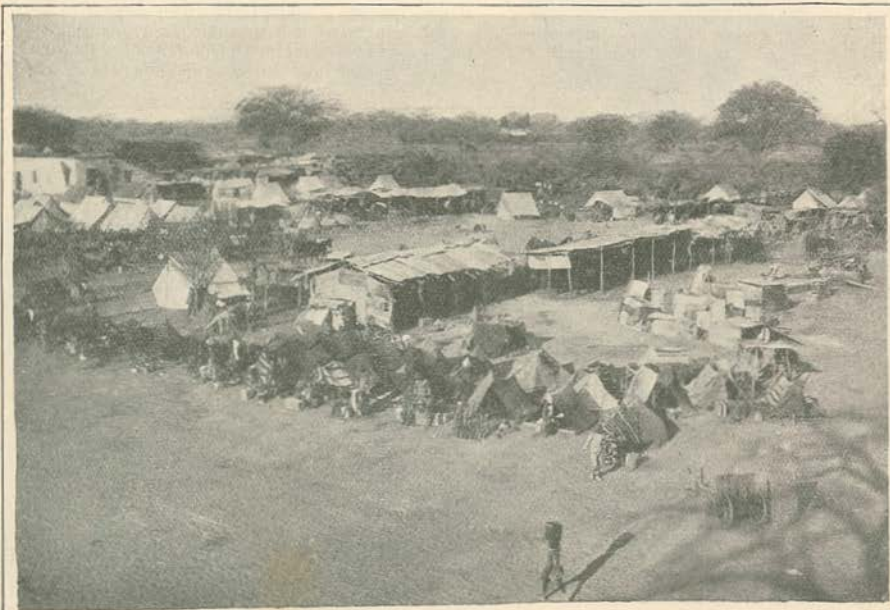
Abastecimento de agua no Cunene



Data de agua no Cunene

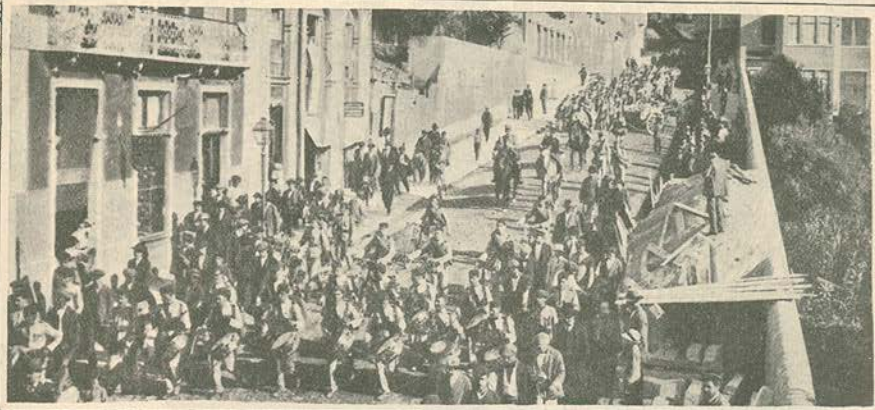
guindo que os rebeldes voltem a olhar-nos como seus protetores (que sempre o temos sido depois das nossas gloriosas descobertas) e não

como inimigos como falsamente fomos apontados pelos atrevidos invasores das nossas terras africanas.



Vista do bivaque

(Clichés do distinto oficial sr. Pires Balaya).



Os regimentos de infantaria 5 e 16 descendo a catçada do Tijolo a caminho dos exercícios da escola de repetição (Cliche Benoliel).



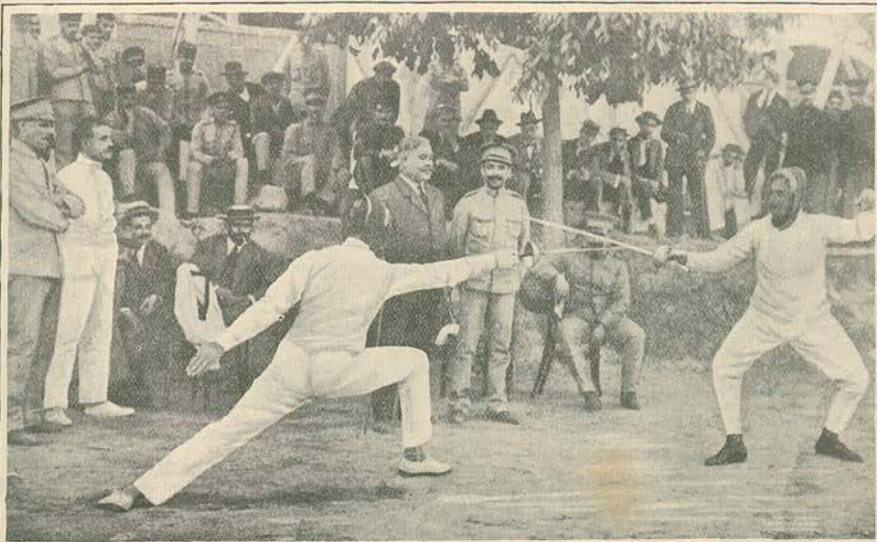
Campeonato militar de esgrima

O júri: 3. O tenente Virgílio Simões, 4. O capitão Horácio Ferreira, 5. O major May, presidente, 6. O capitão Oliveira, 7. O capitão Veiga Ventura.

O sr. José L. de Serpa Dias campeão de sabre.

Esteve animadíssimo o campeonato militar de esgrima realizado na Escola de Guerra, tendo-se apresentado n'ele os melhores combatentes que produziram as mais excelentes provas.

O capitão V. Ventura campeão d'espada.



Uma fase de um belo assalto de espada entre o capitão sr. Veiga Ventura (vencedor da prova) e o tenente sr. Sousa Dias (Cliche do distinto fotografo amator tenente sr. Virgílio Simões)



Sursum Corda

*Foi, sim, um sonho, louco sonho o meu
Do abismo transpor que nos separa;
Mais fácil monte e vales anivelára
Do que meu peito ardente unira ao seu.*

*Procela atroz que n'alma se me ergueu
Quando eu, cego e infeliz, menos cuidára
Que inda meu coração se não livrára
De naufragar e amor n'outro escarceu.*

*Que suprema ventura n'um instante,
Mesmo ao sol pôr julgente, ao lado d'ela,
Sob lindo castanheiro murmurante,*

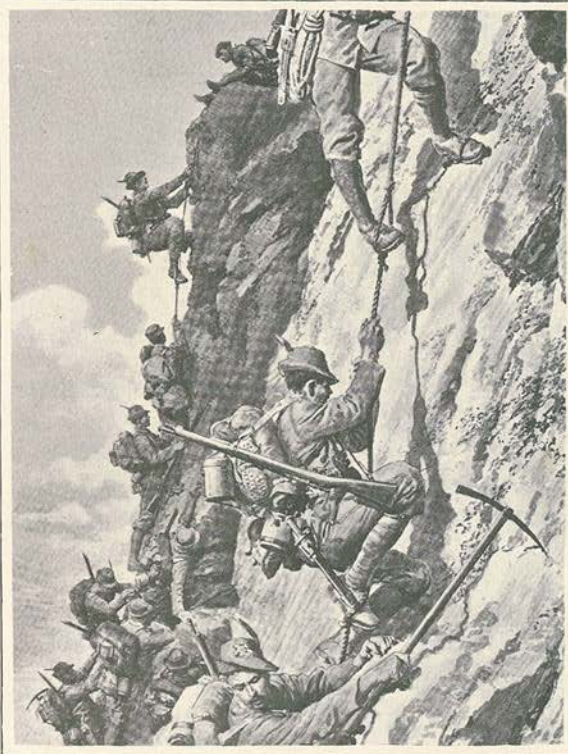
*Dizer-lhe que a sua alma nobre e bela
Me prendeu como um filtro enebriante!
Depois... veloz fugir, e não mais vê-la!*

SILVANO.

SILVANO

Ó Velho Mundo em guerra

Ha dias que se volta a falar do acordo turco-bulgaro, como devendo ser fechado e assinado d'esta vez. Embora ele se refira apenas á questão do caminho de ferro de Dedeagatch, ligam-lhe os germanofilos grande importancia porque, feito esse accordo, de caracter puramente comercial, imaginam que é caminho aberto para estreitamento de relações que venham a colocar a Bulgaria francamente ao lado dos imperios centraes. Mas são decorridos mezes sobre o começo das negociações, varias vezes inter-



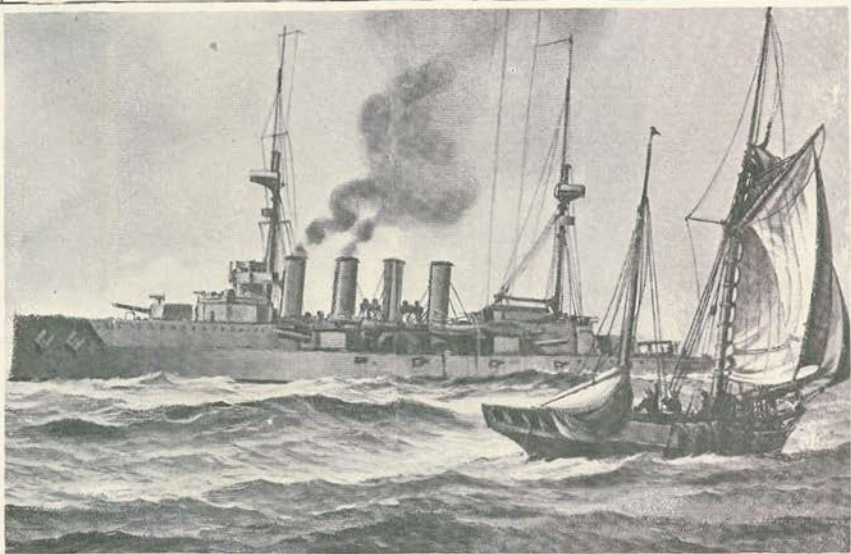
Os alpinos italianos escalando as montanhas na fronteira

rompidas, não deixando em todas elas esperanças de vir a efetuar-se. Agora mesmo, pelos ultimos telegramas, foram mais uma vez suspensas pela retirada dos respectivos delegados para Sofia, cujo governo tambem se não mostra muito propenso a crêr que elas se reatem com melhor exito do que até aqui.

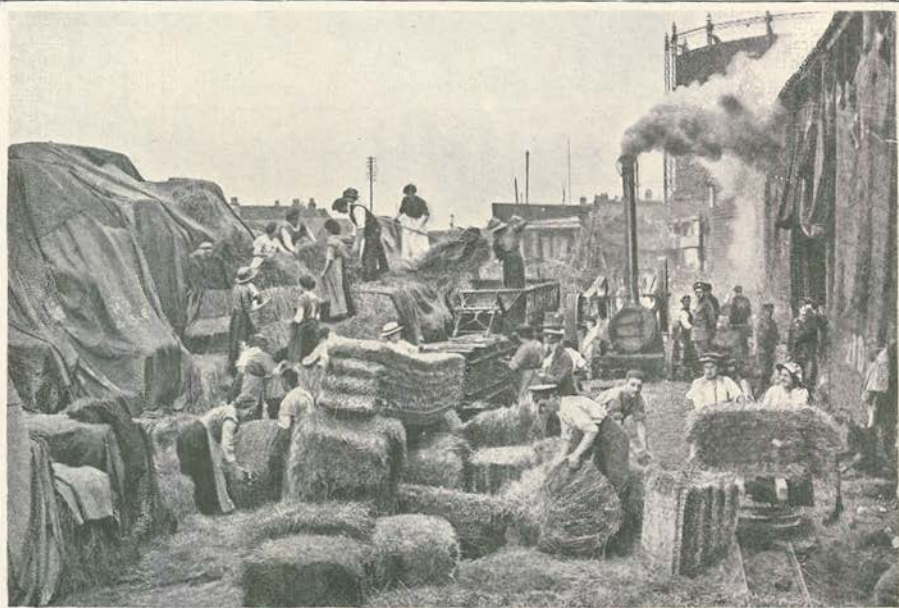
De resto é bem notoria a repulsão de todos os paizes balticos em se associarem á obra brutal e absorvente do imperialismo alemão, que não trepidaria em sacrificar-os depois de servido.



Na Polonia: Os russos transportando uma peça de grosso calibre sobre uma ponte improvisada



Um barco de pesca inglês fornece peixe fresco a um cruzador da mesma nacionalidade.



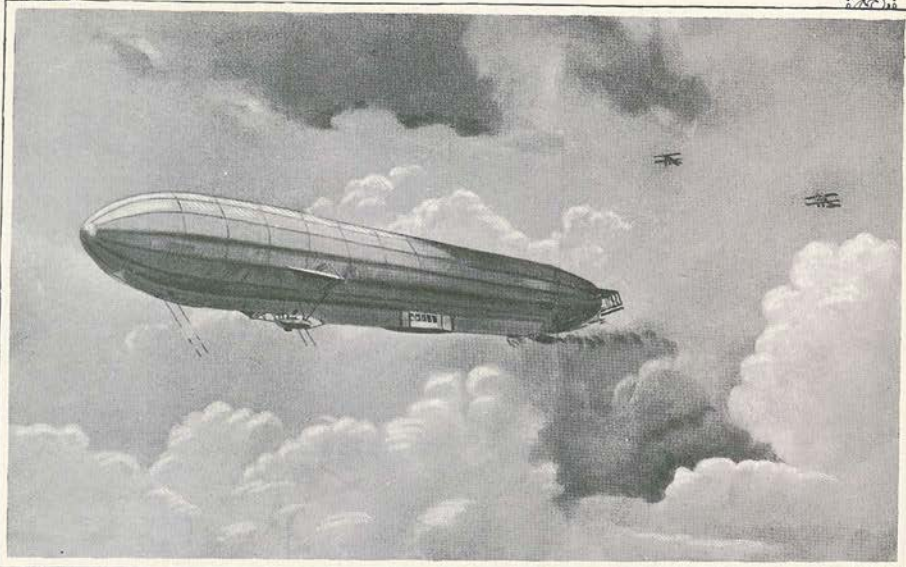
Mulheres inglesas trabalhando n'um deposito de armas em Richmond.

A CAMPANHA ITALIANA



Os ultimos momentos antes da partida para a guerra.

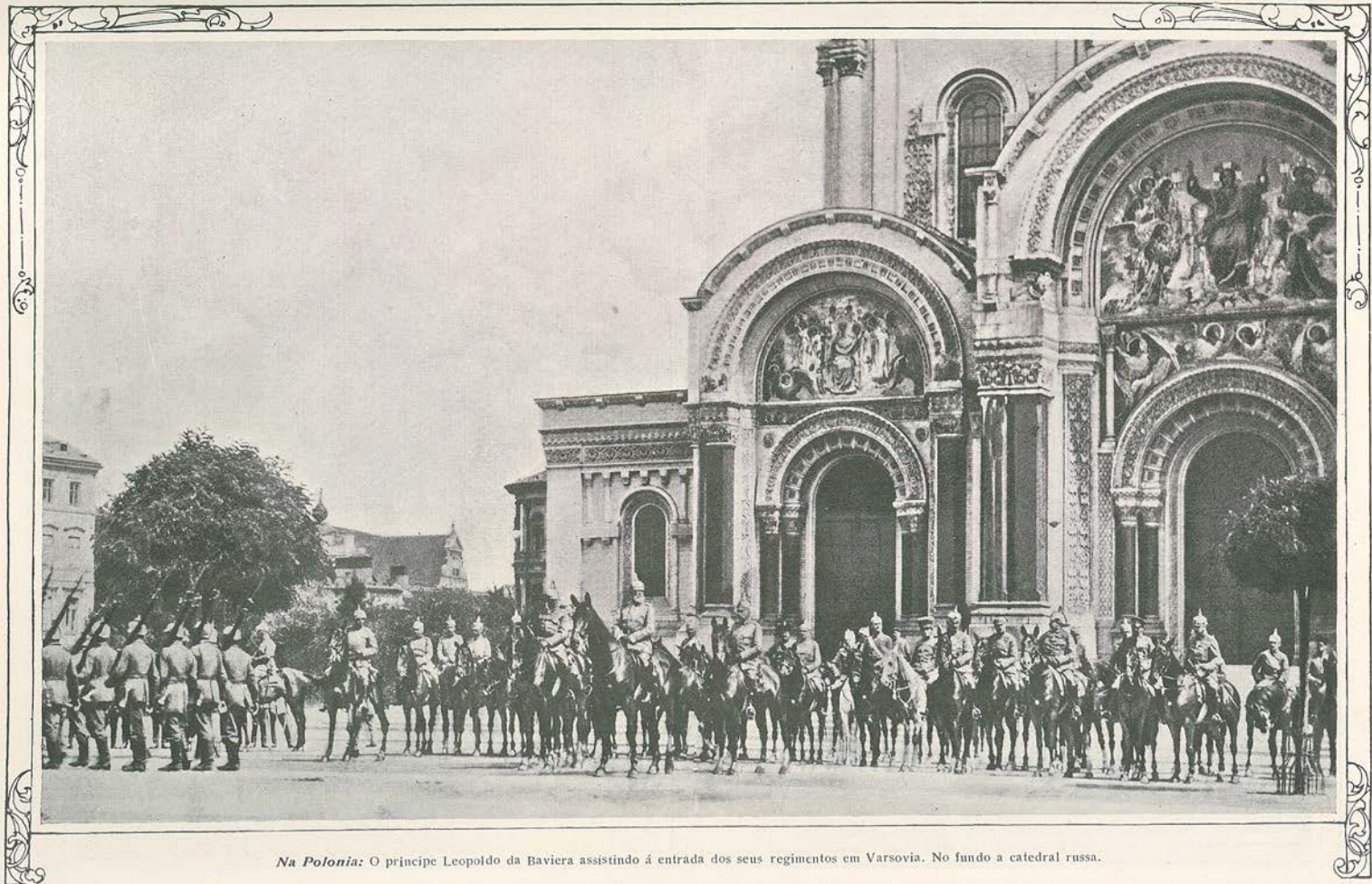
(The Sphere).



Dois aeroplanos caçando um Zeppelin que rapidamente se refugia nas nuvens



Em Flandres: Um canhão inglês levado a galope pelas ruas desertas para acudir a uma posição em perigo na linha de batalha



Na Polónia: O príncipe Leopoldo da Baviera assistindo á entrada dos seus regimentos em Varsovia. No fundo a catedral russa.



Uma metralhadora russa na primeira linha de fogo na Polônia



Uma medica, agregada a um regimento siberiano, presta serviço no campo de batalha



Lord Kitchner encontra com agradável surpresa o general Baratier, que tinha feito parte da missão Marchand Fashoda quando tenente



Os belgas comemoram o aniversario da batalha de Haelen

Batalha comemorada pelos dois beligerantes

No dia 12 de agosto, em Haelen, pequena aldeia da Belgica, a 2 milhas de Diest, dez mil soldados de cavalaria e de infantaria, com metralhadoras, foram atacados por uma força superior de alemães. Estes quizeram forçar as pontes barricadas sobre o rio Dyle, mas foram derrotados. Novo ataque, nova derrota, e d'esta vez

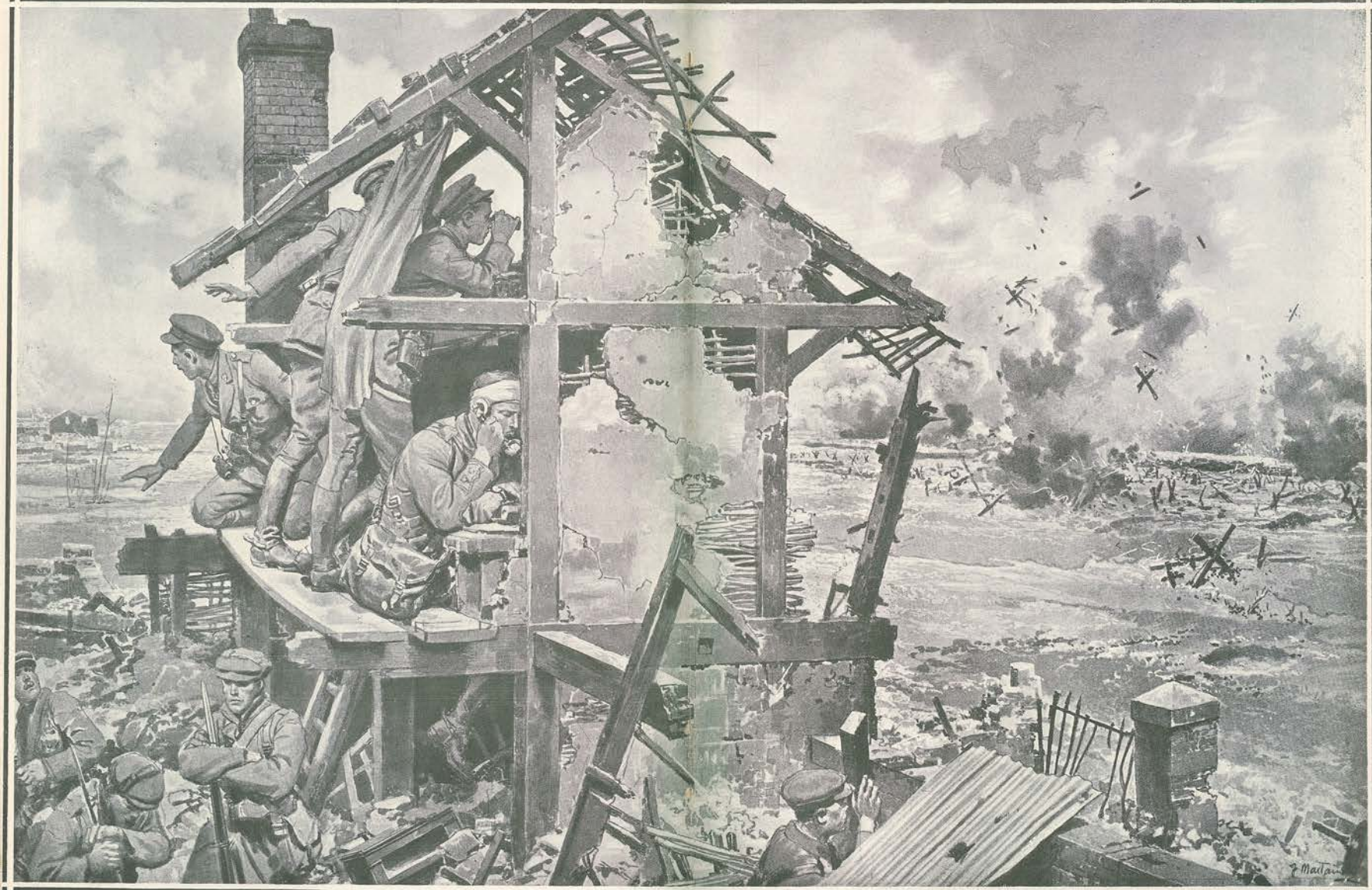
tremenda. Uma vitoria brilhante. Mas cinco dias depois os alemães, enormemente reforçados, entraram em Haelen.

E eis aqui porque uns e outros celebraram este ano o dia 12 de agosto: os belgas pela sua prodigiosa heroicidade; os alemães pela sua massa esmagadora.

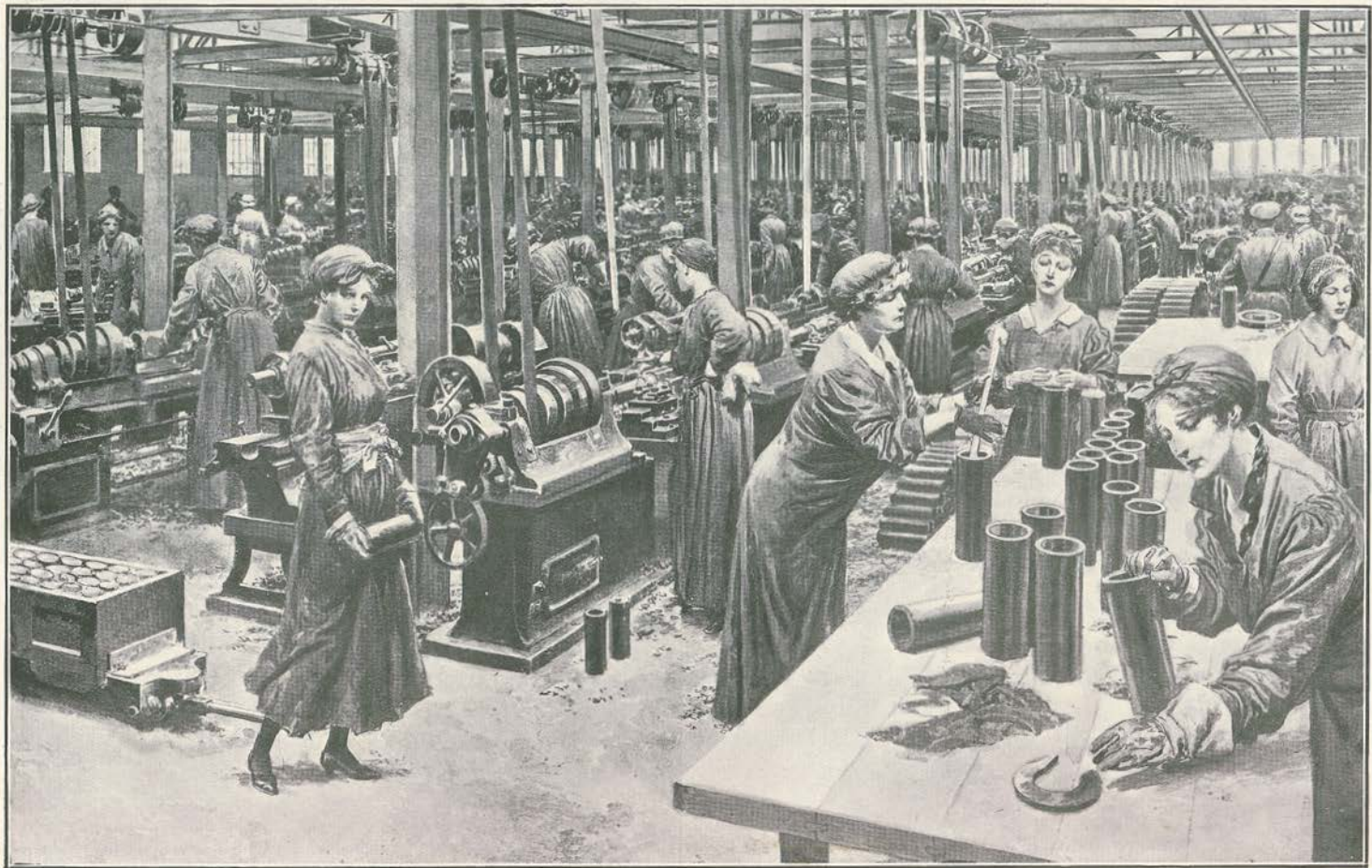


Os alemães comemoram tambem o aniversario da batalha de Haelen

POSTO AVANÇADO DE OBSERVAÇÃO



Apesar de quasi demolido pelas bombas e pelas granadas, os ingleses continuam n'um posto avançado, junto ás linhas alemãs, vigiando atentamente o inimigo e observando os terríveis efeitos que a sua artilharia produz sobre ele.—(The Sphere).



A obra colossal das mulheres em Inglaterra.—Tornando e perfurando granadas para o exercito inglez.

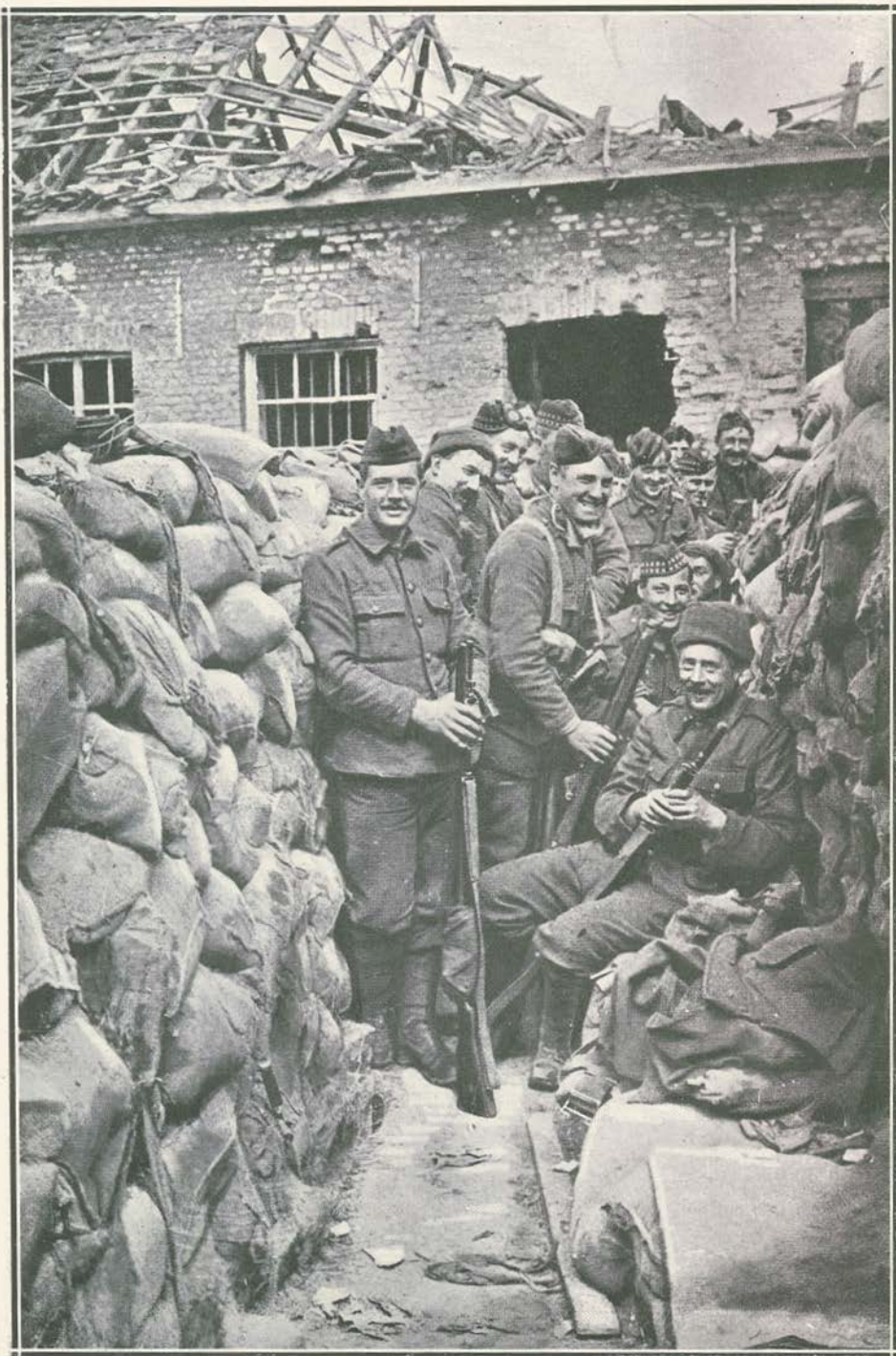
(The Sphere).

Entre um aeroplano e um automovel



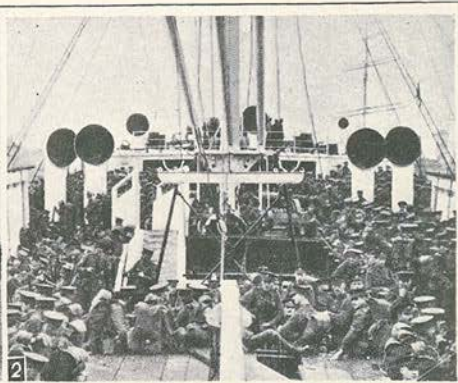
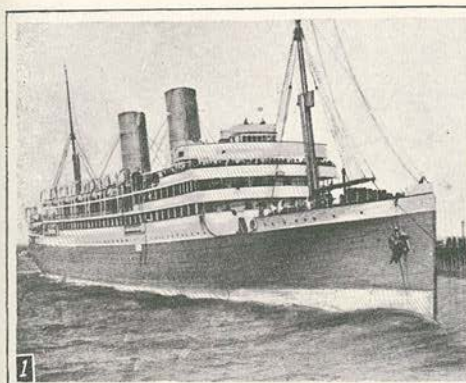
Um aeroplano inglês desce com notável rapidez e equilíbrio a atacar um automovel alemão em serviço de ordens.

(Da Sphere)



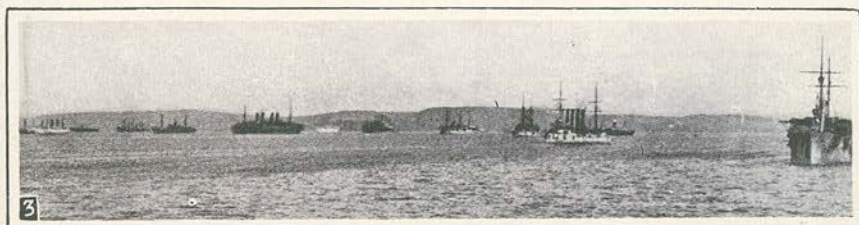
O problema da casa fortificada.—Como se fortificou com sacos d'areia uma casa arruinada pelas granadas e que passou a fazer parte das trincheiras inglesas

NOS DARDANELOS

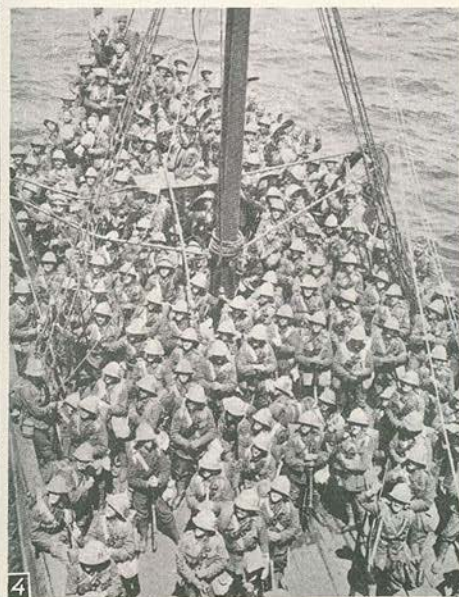


O transporte *Royal Edward* a caminho do Estreito

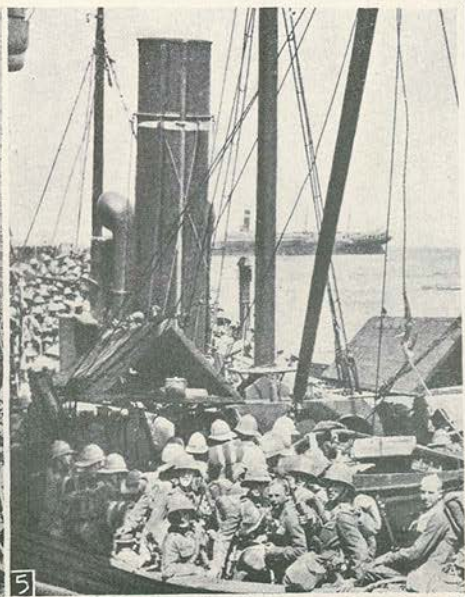
Aspetto dos contingentes a bordo do *Royal Edward*



Navios de combate e transportes ingleses fundeados á entrada do Estreito



Outro aspeto das tropas inglesas



Desembarque das tropas inglesas



E' realmente lastimoso o estado a que o selvagem bombardeamento alemão reduziu a vasta e bela cidade de Ypres. Este «clichê» da «Illustrated London

News» bem o demonstra. Entre os edificios arruinados, quasi ao centro, vê-se o que resta do celebre Cloth Hall, com o seu grande campanario no meio. Logo por



detraz (para a esquerda) as ruínas da Catedral de S. Martin. Na parte mais afastada do Cloth Hall estava a Camara Municipal. Tudo isto e o mais que é

impossível enumerar foram barbaramente destruidos, sem vantagem imediata para eles que se limitam a bombardear de longe.

O celebre general Maritz no Bié.

Belmonte, 7 de agosto.

Chegaram a esta localidade no dia 3 do corrente, vindos de Cangamba, sede da Capitania Mór dos Luchazes onde foram capturados, o celebre general boer Maritz e o comandante Kamfer, acompanhados pelo respectivo captor, tenente do nosso exercito, Sampaio Nobre.

Entraram no nosso territorio com nomes supostos intitulando-se comerciantes inglezes e declarando no Alto Cuito que desejavam seguir para a Rodezia e na Cangamba que tentavam seguir para Benguela, via Bié, com o fim de se embarcarem para Cape-Town.

Na capitania mór dos Luchazes apresentaram um salvo conduto passado pelo capitão mór do Alto Cuito, documento que segundo crêmos foi passado na melhor boa fé, mas que de nada serviu perante as autoridades dos Luchazes que se portaram de tal maneira que vieram a saber pelos proprios viajantes que um era o celebre general Maritz e o outro o comandante Kamfer.

Levados á presença do capitão mór dos Luchazes, capitão Dias Antunes, que se encontrava de passagem a esta localidade, o primeiro dos prisioneiros declarou chamar-se S. G. Maritz, natural do Transvaal, de 39 anos de idade, casado



exercito da União Sul Africana, e o segundo comandante A. Kamfer natural da Colonia do Cabo, de 40 anos de idade, casado, maior de cavalaria do mesmo exercito, tendo ambos tomado parte na sublevação das tropas boers contra o dominio inglez.

Maritz declarou que o seu fuilamento pelos alemães, notificado por alguns jornaes, foi estratagemma preparado de antemão para a realiação da sua fuga. Declarou tambem que era sua tenção seguir para a Humpata mas, tendo mandado dois ajudantes que o acompanhavam ao nosso posto de Massaca, para conhecer da nossa attitude e como estes dois officios tivessem ficado presos no referido posto resolveu internar-se no nosso territorio pela carjiana mór do Alto Cuito, abandonando na proximidades de Massaca um carro boer com um importante carregamento que ficou á guarda de um soba da região.

Feram-lhe apreendidas 2 magnificas armas com 150 cartuchos, fabrico alemão, 1 burro, 3 bois cavalo, dinheiro alemão em ouro, caderno de cheques do Banco Alemão, um testamento d'um seu companheiro d'armas e uma esplendida carta topografica da nossa colonia de Angola, elaborada pelos alemães. O general Maritz, logo que aqui chegou, telegrafou a sua esposa para Venterburg—Tree State—Transvaal e o comandante Kamfer a sua familia para Calvenca na Colonia do Cabo. Seguem ho'e para Benguela, por ordem do governo do distrito, como prisioneiros politicos.



1 O tenente portuguez sr. Sampaio Nobre, o general Maritz e o maior de cavalaria Kamfer.

2. No medalhão o celebre aviador Pegou, morto no campo da batalha.

3. **Em Belfort.** — Desfile da esquadriha de aviadores M. F. 25, entre os quaes se vê Alexandre Sallés + que realisou algumas arrojadas ascensões em Portugal.



Uma numerosa guarda de *bersaglieri* no alto de uma montanha



Construção de uma trincheira em cimento armado no cume de uma montanha nas posições mais avançadas do exercito italiano

O VIMIEIRO

E' emoldurada de extensos azeitnaes, no imo da incomensuravel e rica provincia do Alemtejo que se ostenta, n'uma deleitosa e fertil planicie, a vila do Vimieiro, cuja fundação data de largos anos e á qual a lenda atribue a seguinte origem: Um belo dia appareceu no tronco de um sobreiro, n'uma propriedade pertencente á illustre familia dos Faro e Sousa, mais tarde agraciado por Filipe II com o titulo de



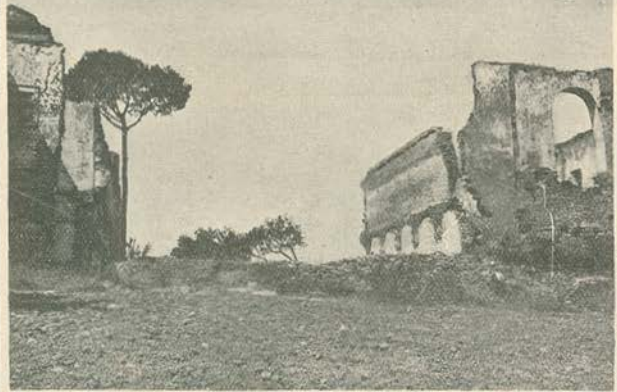
De regresso da fonte

diando luz, da qual se destaca o seu campanario macrobio semelhante um titan e como que servindo de balisa ao caminheiro, é d'um aspéto deslunbrante. E' beneficiada pela estrada nacional que liga Elvas a Lisboa e, assim, são faceis as comunicações com a importantissima vila de Estremoz a nascente, tão afamada pelos seus marmotes, e a sudoeste com a vila de Arraiolos e outras. Tam-

bem é servida por uma estação do caminho de ferro que fica á distancia de 5 kilometros.

Por iniciativa do já extinto deputado sr. Augusto Cesar Falcão da Fonseca foi construída, em 1869, uma fonte publica e lavadouro que ainda hoje se conservam.

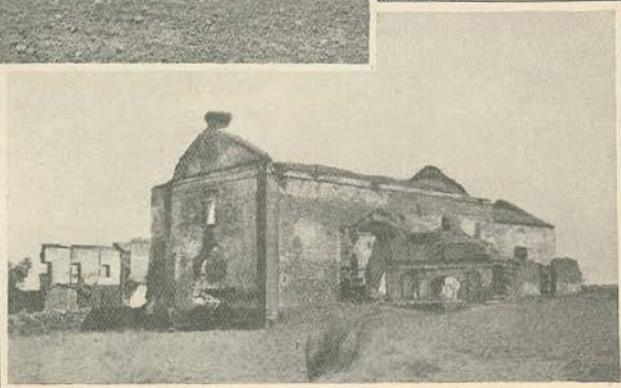
N'um belo palacio, antiga residencia dos condes do Vimieiro, actualmente propriedade do sr. Francisco José da Mata, funcionam as escolas primarias para os dois sexos. Circundando o edificio encontra-se um jardim, no qual, ao centro



condes, uma imagem da Senhora da Encarnação. Fundou-se logo ali uma pequena ermida, mais tarde substituída por um templo, todo um primor de engenho e arte e ficou sendo o orago da freguezia a Senhora da Encarnação do Sobral.

Não tardaram a construir-se habitações em volta, e taes proporções atingiu a povoação que lhe foi outorgado em 1512 um foral por D. Manuel!

Hoje, vista de longe, com a sua casaria alva de neve irra-



2. e 3. A-petos das ruínas de um convento de frades franciscanos



A ponte velha sobre o ribeiro de Freixo, de fundação romana

d'um lago se admira um alto padrão, verdadeira obra prima e a que atribuem subido valor, mandado erigir por D. João de Faro, 5.º e ultimo conde do Vimieiro, como preito de homenagem á memoria de sua estr. mossa esposa D. Tereza de Melo Breyner.

Tem aqui logar uma feira anual, nos dias 1, 2 e 3 d'agosto,

importante, especialmente pelas transações em gado bovino, lanigero e caprino, que ali se realisam.

A curta distancia da vila ficam as ruinas d'um convento de frades franciscanos que tinha sido fundado em 1554 e que durou até á extincção das ordens religiosas.

Vimieiro,
31—8—1915.

C. M.



Palacio e jardim dos antigos condes do Vimieiro



A feira de gado asinino e lanigero — (Clichés do distinto fotografo sr. Antonio Chaveiro da Mota).

As maravilhas de Angola

Em 1914 foi creado em Angola o novo distrito do Cuanza, com sede em N'Dala Tando. E' seu governador o major de artilharia sr. Djalme de Azevedo, velho e dedicado republicano, cuja açao administrativa já se tem feito sentir novigoroso impulso dado em todos os ramos do serviço publico, principalmente na abertura de vias de comunicação.

N'Dala Tando é sem exagero uma das maravilhas de Angola. Aparentada entre as colinas do vale do Mumbeji, a antiga povoação, hoje em rapido desenvolvimento, tem um aspecto risonho que encanta o forasteiro.

O Mumbeji, por entre os uberrimos terrenos que fecunda, leva as suas aguas ao Lucala que por sua vez desagua no imponente Cuanza. Em torno do N'Dala Tando a luxuriante vegetação tem um aspecto equatorial. Por isso não admira que



Da esquerda para a direita, em pé: tecnico agricola sr. Jaime Seabra e o alferes sr. Luiz Cesar Rodrigues. Sentados: secretario do governo do Cuanza, sr. Francisco Pinheiro, capitão sr. Uira Machado, governador da Lunda, major sr. Djalme d'Azevedo, governador de Cuanza, tenente sr. Alexandre Montez, ajudante do governador de Cuanza



2

seja um importante centro agricola, como o atestam as numerosas fazendas que ficam nas cercanias, a saber: *Posse, Caringa, Camondai, Catenda, Prototipo, Zondo*, etc. A 6 kilometros de N'Dala Tando fica o interessantissimo Jardim Colonial de Cazengo, que atesta o solicito cuidado que ao governo da provincia tem merecido o desenvolvimento da sua agricultura. A' testa do Jardim está atualmente o sr. Jaime de Seabra, diretor da agricultura, a cuja competencia se devem interessantes experiencias que ali se tem realisado.

As nossas gravuras dão os aspectos de uma rua de N'Dala Tando, em cujo primeiro plano se vêem duas seculares acacias rubras e de um grupo tirado por occasião da visita a N'Dala Tando do governador da Lunda, capitão sr. Fernando de Uira Machado.



3

2. Um imbondeiro—3. Uma rua de N'Dala Tando—(Fotografias amavelmente cedidas pelo sr. alferes Rodrigues)

FIGURAS E FACTOS

CONCURSO MUSICAL EM VIGO

Ao concurso musical que se realizou em Vigo por ocasião das festas da cidade, que decorreram deslumbrantes e animadas, concorreram como nos anos anteriores, bandas musicas portuguezas, que foram apreciadas como mereciam e justamente aplaudidas. D'esta vez foram as bandas dos Bombeiros voluntarios do Porto e do regimento de infantaria 30.



aquartelada na capital do Norte, que foram demonstrar o seu valor artistico a um certamen realisado fóra do paiz, e, de tal fórma se houveram, que, além dos abundantes aplausos que colheram, obtiveram classificações que muito as honram, honrando ao mesmo tempo a cultura da arte musical no nosso paiz, que conta enumeros adeptos e compositores de muito valor e inspiração.

1. Banda dos Bombeiros Voluntarios do Porto

2. Banda de infantaria 30, do Porto



O capitão sr. João Francisco de Souza, morto em combate com os indigenas no Cuamato. Era um official distincto e pertencia á arma de infantaria.

4. Asilo distrital de Aveiro, (secção Barbosa de Magalhães.— Comissã) e ex-alunos que tratou das imponentes festas que ultimamente ali se realisaram vendendo-se no grupo o seu antigo diretor e sub-diretor. — Sentados, os srs. padre Louren-



tor, Francisco de Mat's Junior, João dos Santos Gamelas, Antonio dos Santos Ló e Luiz Vaz.



O general sr. Delgado Zuleta, capitão-general da Andaluzia, falecido ultimamente em Sevilha. Foi chefe da casa militar de Afonso XIII.

ço da Silva Salgueiro, director; Jeremias Lebre, sub-diretor; de pe, da esquerda para a direita; os srs. José Maria dos Santos Vi-



Uma das camaratas do Asilo-Escola



Sala das sessões do Asilo-Escola



Em Matosinhos.— Realizou-se em Matosinhos, proximidades do Porto, o enlace matrimonial do sr. Antonio da Silva Ferreira Costa, com a sr.^a D. Alice Antunes Mano, filha do capitalista sr. Artur Pereira Mano. A nossa gravura representa os noivos e convidados depois da celebração da cerimonia religiosa.



O sr. Carlos S. Ribeiro
Escola de Belas Artes, do
Porto.—Foi um acontecimento artistico o concurso de provas finais de escultura n'esta escola, para o qual o seu diretor e professor, o illustre escultor sr. Teixeira Lopes, tinha dado como tema—*No inverno da vida*. Entre os trabalhos apresenta-



2. «No Inverno da Vida», escultura do sr. Carlos da Silva Ribeiro.—3. «No Inverno da Vida», escultura do sr. Artur Machado—(«Clôchês» do sr. João Luiz Carreira).



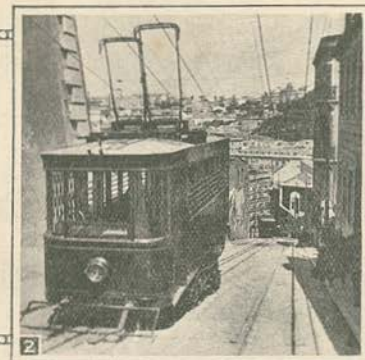
O sr. Artur Machado dos mereceram classificação distinta os esboços que as nossas gravuras representam, dos alunos srs. Carlos da Silva Ribeiro e Artur Machado, pela finura da sua execução e por terem compreendido com tanto sentimento artistico o pensamento do seu grande mestre.



Liceu de Santarem.—E' um dos melhores estabelecimentos de ensino do paiz dispndo de boas instalações higienicas e de um corpo docente que tem merecido os elogiosos encmios. As nossas gravuras representam as aulas de fisica experimental e de desenho pelas quaes se podem avaliar as suas instalações.



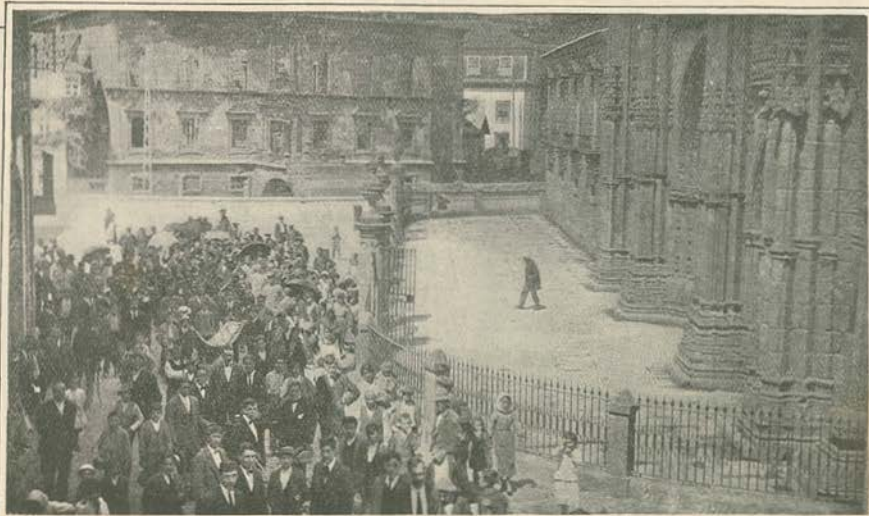
O sr. dr. Afonso Costa recebendo na sua casa da serra da Estrela os cumprimentos das comissões políticas de Manteigas (Cliché do sr. Nunes de Carvalho).



2. Um dos carros do ascensor da calçada da Glória, de Lisboa, ultimamente inaugurado.—(Cliché Benoliel)—3. O sr. João Francisco Correia, natural de S. João da Madeira, falecido no Rio de Janeiro. Era tio do sr. J. da Silva Correia, correspondente do *Seculo* n'aquela vila—4. O sr. Bruno Mendes de Figueiredo, major reform-



mad-, falecido ha dias em Lisboa—5. O sr. Antonio Furtado dos Santos, abastado proprietario e commerciante em Lisboa, onde faleceu—6. O sr. Mario Manuel May Figueira, *aportaman* muito conhecido, que faleceu ha poucos dias em Lisboa. Era desenhador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes.



Em Lamego.—Um aspecto do bando precatorio a favor das familias das victimas dos acontecimentos de Lamego, realisado recentemente (Cliché do fotografo sr. F. Gironçalves)



1. Grupo de alunos da Escola Académica de Guimarães—2. Uma «burricada» nas Pedras Salgadas—3. A filarmónica de Fronteira—4. Rancho do «Trovador», da Figueira da Póz—5. Alunos da Escola Académica da Guarda. No medalhão o seu director, sr. Luiz Vieira de Almeida Roque—6. Grupo tirado depois de um «pic-nic» sobre a ponte do Tejo, em Mada—7. Professores e alunos da escola de Valadares que foram n'uma excursão a v'airo—8. Professores da escola de Valadares. Sentados, da esquerda para a direita: srs. Adelino Costa, Dias d'Almeida, Raul Outeiro e Couto Soares. De pé, da esquerda para a direita: srs. Nogueira Gonçalves, Rufino Cardoso, Aberto Ribeiro, Teixeira Ribas, Pereira Dias, Faria Carneiro, Antunes d'Azevedo, Batista Vieira, Silverio da Silva, Carneiro Leal, e Castro Junior.—(«Clichês» do distinto fotografo amador sr. Castro Junior).

ASTHMATICOS

Desanimados !

**o Pó
DE ABYSSINIA
EXIBARD**

Sem Opio nem Morphina.

ALLIVIA

instantaneamente

Cada anno milhares de doentes

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o,
6, Rue Dombasle, Paris.

Compra e venda de propriedades

**HYPOTHECAS
EM LISBOA E PROVINCIAS**

TRATA. **A. GOMES DA SILVA**
R. Augusta, 229, 2.^o - LISBOA -

¿TENDES CABELOS BRANCOS?

A penteadora Madrileña indica gratis a quem o pedir de palavra das 4 ás 8 ou por carta (enviando estampilha) a maneira de acabar com eles sem que nenhuma pessoa mesmo que seja da maior intimidade dê por isso. Rua Diário de Noticias 61, rjc.

HEMORRHOIDAS -- ECZEMA

Doenças de Pelle

UNGUENTO FOSTER

Remedio soberano contra : hemorrhoidas ; eczema ; herpes ; impingens ; comichão ; manchas vermelhas na cara ; urticaria ; crostas de humores ; erupções ; picaduras de insectos ; borbulhas e tumores furunculosos ; frieiras ; gretas ; varicela globulosa ; impetigo ; ascariides ou pequenos vermes que apparecem no anus das creanças ; e outras affecções da pelle.

O Unguento Foster encontra — se á venda em todas as phar-macias e drogarias, a 800 Rs. cada boião ; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes : **JAMES CASSELS & C^o, Succes.,**
Rua Mousinho da Silveira, N^o 85, Porto.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Trabalhos de Zincogravura,
Fotogravura, Stereotipia, Im-
pressão e Composição

Fazem-se nas

OFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcédível perfeição.

Zincogravura e Fotogravura em zincos simples de 1.^o qualidade, cobreado ou nikelado. Em cobre, a côres, pelo mais recente processo — o de tricomia. Para jor-naes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

Stereotipia de toda a especie de composição. Im-pressão e composição de todo o genero de revistas, catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

RUA DO SEculo, 43 — Lisboa

Ribeiro & Silva

ALFAIATES DE 1.^a CLASSE



Especialidade em fatos de cinta | Especialidade em fatos "tailleur"
(SECÇÃO DE HOMENS) | (SECÇÃO DE SENHORAS)

Especialidade em fatinhos á marinheira
(SECÇÃO DE MENINOS)

Agencias em Paris e Londres para a aquisição das ultimas novidades

Casa dos Arcos 150, RUA AUGUSTA, 156
LISBOA

TELEFONE 2.468